

AS IMAGENS POÉTICAS DA TERRA EM ALGUNS POEMAS DE VERA DUARTE EM AMANHÃ AMADRUGADA

Everton Vasconcelos Pinheiro¹
Rita Barbosa de Oliveira²

RESUMO: A proposta deste trabalho concentra-se na investigação das imagens poéticas geradas pelo vocábulo “terra” nos poemas “Setembro”, “Amigo”, “Criança”, “Desejos” e “Desejos-Liberdade”, em *Amanhã Amadrugada* (2008), de Vera Duarte. A pesquisa se apoia em: *O ser e o tempo da poesia* (1997), de Alfredo Bosi, para tratar a respeito da imagem poética; *Teogonia* (2007), de Hesíodo, para investigar sobre a titânide Terra; e *Maternidade e profissão* (1995), de Sylvia Baptista, para refletir sobre a representação de Gaia, a Grande Mãe, e sua capacidade exclusiva de maternidade. A análise tem por objetivo mostrar as possíveis representações da terra em associação à maternidade, terra como mãe, tal como Gaia, e nação como pátria.

PALAVRAS-CHAVE: Terra; Mãe; Poesia cabo-verdiana; Vera Duarte.

ABSTRACT: The purpose of this work focus on the investigation of the poetical images produced by the word “earth/land” in the poems “Setembro”, “Amigo”, “Criança”, “Desejos” e “Desejos-Liberdade”, from *Amanhã Amadrugada* (2008), by Vera Duarte. This research is based on: *O ser e o tempo da poesia* (1997), by Alfredo Bosi, to treat about the poetic image; *Teogonia* (2007), by Hesiod, to investigate about the Titan Earth; and *Maternidade e profissão* (1995), by Sylvia Baptista, to think about the representation of Gaia, the Big Mother, and her exclusive capacity, the maternity. The analysis aims to show the possible representations of the earth/land in association with maternity, earth as mother, such as Gaia, and nation as motherland.

KEYWORDS: Earth/Land; Mother; Capeverdian poetry; Vera Duarte.

INTRODUÇÃO

O seguinte artigo foi produzido para comunicação oral no evento realizado na Universidade Federal do Amazonas, pelo Departamento de Língua e Literatura Portuguesa em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Letras, chamado Efemérides Amazônicas de

¹ Mestrando em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas. Bolsista CAPES.

² Doutora em Letras - Estudos Literários pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, adjunta no Departamento de Língua e Literatura Portuguesa e no Programa de Pós-Graduação em Letras, ambos da Universidade Federal do Amazonas. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa - GEPELIP.

Letras 2017. A proposta do evento é voltada para a expressão literária amazônica, no entanto, as comunicações foram abertas a temas livres.

A análise toma como ponto de partida a noção de imagem poética pela fala de Alfredo Bosi no livro *O ser e o tempo da poesia* (1997). O corpus constitui-se no livro *Amanhã amadruçada* (2008), de Vera Duarte, do qual foram selecionados cinco poemas para que neles fosse investigado o vocábulo “terra” e sua projeção nas interpretações, quais são os sentidos evocados e como isso se reflete na poesia cabo-verdiana.

Foram eleitas outras obras para suporte teórico. Uma delas é *Teogonia*, de Hesíodo, pela tradução de Jaa Torrano, para buscarmos a raiz da associação de sentido de terra com a maternidade. Ainda nesse sentido, recorreu-se à psicóloga Sylvia Mello Silva Baptista, com *Maternidade e profissão: oportunidades de desenvolvimento* (1995), para utilizar o seu postulado sobre a figura feminina, importante na manutenção da sociedade, devido à maternidade mítica atribuída por Gaia, a Grande Mãe Terra.

As leituras visam a compreender as imagens poéticas possíveis a partir da palavra terra, empregada nos cinco poemas de Vera Duarte selecionados para análise. A perspectiva inicial a ser tomada é a social, por ser essa vertente frequente à literatura cabo-verdiana. Contudo, de antemão, percebe-se nessas composições referências ao percurso histórico de libertação e independência de Cabo Verde, contados poeticamente do ponto de vista do eu-lírico de *Amanhã Amadruçada* (2008), de Vera Duarte.

A TERRA-MÃE MITOLÓGICA – GAIA

Dentre os incontáveis mitos de criação concebidos pelas culturas da humanidade através dos milênios, um dos mais recorrentes e lembrados no ocidente é o proveniente dos gregos. O mito de criação pelos antigos helênicos é registrado pela escrita na obra *Teogonia* (séc. VIII a.C.), de Hesíodo, poema com 1022 versos hexâmetros. Cabe citar a tradução feita por Jaa Torrano, dos versos 116 ao 122 e do 126 ao 138:

Sim bem primeiro nasceu Caos, depois também
Terra de amplo seio, de todos sede irresvalável sempre,
dos imortais que tem a cabeça do Olimpo nevado,
e Tártaro nevoento no fundo do chão de amplas vias,
e Eros: o mais belo entre os Deuses imortais,
solta-membros, dos Deuses e dos homens todos
ele doma no peito o espírito e a prudente vontade.
[...]

Terra primeiro pariu igual a si mesma

Céu constelado, para cercá-la toda ao redor
 e ser aos Deuses venturosos sede irresvalável sempre.
 Pariu altas montanhas, belos abrigos das Deusas
 ninfas que moram nas montanhas frondosas.
 E pariu a infecunda planície impetuosa de ondas
 o Mar, sem o desejoso amor. Depois pariu
 do coito com Céu: Oceano de fundos redemoinhos
 e Coios e Crios e Hipérion e Jápeto
 e Téia e Réia e Têmis e Memória
 e Febe de áurea coroa e Tétis amorosa.
 E após com ótimas armas Crono de curvo pensar,
 filho o mais terrível: detestou o florescente pai.
 (HESÍODO, 2007, p. 109).

A tradução aponta os nomes em português, no entanto, temos por Terra em grego Gaia (Γαία), bem como Céu por Urano (Ουρανός, transliterado: Ouranós). Tomamos, pois, a seguir ambas as versões: Gaia ou Terra e Urano ou Céu.

Compreende-se o início de tudo pelo Caos (Χάος), e dele vieram as deidades primárias, como Gaia e Eros. O Tártaro é concebido nas profundezas de Gaia, segundo aponta Torrano, explicando Hesiodo (HESÍODO, 2007, p. 45). Em seguida, no poema supracitado, de Gaia vem igualmente Urano. Antes da cópula desses, ela gera as montanhas e depois o Mar (Πόντος, transliterado: Póntos, o alto-mar). Após isso é que ocorre o primeiro coito entre Urano e Gaia, gerando o primogênito Oceano (Ωκεανός), seguido de vários outros notórios entes ou seres mitológicos, como Hipérion, Jápeto, Réia, Têmis, Memória (ou Mnemósine, a mãe das musas), Febe (a mãe de Leto, avó de Apolo e Ártemis), a primeira Tétis (não a mãe de Aquiles) e o terrível Cronos.

O poema segue por outras páginas, conforme a tradução de Torrano, citando os outros nascidos da união entre Céu e Terra. Gaia representa a unidade materna principal na formação cosmogônica e, posteriormente, a teogônica. Dela veio a maioria dos titãs e deuses ativos nas histórias míticas, pois os titãs maiores que vieram do Caos assimilaram-se à natureza não demonstrando mais ações, vontades, etc. Até mesmo Urano apaga-se em seus atos após o corte de sua genitália por Cronos, enquanto que Gaia continua agindo no nascimento, na criação de Zeus, até na insurgência de Tifeu (Τυφῶευς, transliterado: Thyphôeus). Desse modo, a Terra é a mãe das gerações titânicas e deíficas posteriores.

Sylvia Baptista, psicóloga, propõe um perfil da mulher e sua impressão social em seu livro *Maternidade e profissão: oportunidades de desenvolvimento* (1995), e, em um dos capítulos, utiliza a representatividade de Gaia como mulher e mãe. Baptista inicia falando sobre o planeta ter o nome Terra, e não água devido à predominância de oceanos, pela prerrogativa de sua maleabilidade, além, é claro, da dual maternidade: o homem veio do barro biblicamente;

e, mitologicamente, o mundo sólido veio de Gaia, a Terra-Mãe, “Grande Mãe” (BAPTISTA, 1995, p. 59).

A autora também aponta a visão opositiva dessa criação mitológica pois, no “arquetipo da Grande Mãe conteria tanto a mãe que nutre, quanto a que destrói” (BAPTISTA, 1995, p. 61). Melhor dizendo, por Gaia ter gerado os titãs, representando esses as forças brutas e revoltosas naturais, na terra surgem, desse modo, as forças selvagens e insubmissas na natureza. O homem, então, em sua história passa a intender por dominação a terra, os campos, a natureza, os animais, os outros homens e as mulheres. Gaia ,é então, suplantada pelos filhos, tal qual Cronos e depois Zeus o fazem.

A argumentação de Sylvia nos leva à reconexão com a figura feminina e sua importante função na sociedade. A rememoração da gênese mítica geral do mundo e do modo como os homens vêm da terra (ou Gaia), nos permite compreender o processo que levou a suplantação feminina na história. Segundo Sylvia, “toda a história da dominação da mulher está relacionada à dominação da Natureza, da necessidade de conquistá-la e explorá-la” (BAPTISTA, 1995, p. 62). O homem (o macho) tentou desesperadamente obter o poder, dominando a natureza (Gaia e seus filhos), assim, a mulher (a figura feminina) perdeu a posição venerável de geratriz da vida.

A TERRA NA POESIA CABO-VERDIANA

Qual a conexão da concepção de Gaia como figura feminina e materna com o contexto literário cabo-verdiano a ser estudado? Conforme veremos a seguir, postulado por Simone Caputo Gomes, a consciência da filiação à Gaia fez parte do processo de formação cultural dos cabo-verdianos. Aponta ainda que o pensamento sobre o retorno do homem e sua reconexão com a Grande Mãe (à natureza, Gaia, e ao feminino) repele as opressões históricas incutidas nas mentalidades na colonização. No caso de Cabo Verde, Gomes diz que o povo recusa a transpátria lusitana para aceitar a mátria insular (GOMES, 2008, p. 132). Essa ideia encontra abrigo para o sentimento anti-imperialista na filiação à figura maternal natural, a terra-mãe arquipélago.

Não seria, pois, incomum apontar a maternidade à terra no âmbito literário. No entanto, terra evoca também sentidos relacionados à vida - na bíblia lê-se “*do pó viestes*” – relacionados à agricultura, à fertilidade e alimentação, à manutenção da vida, bem como relacionados à própria morte no caso dos enterros, o qual se depreende do mote bíblico “ao pó retornarás”, ligado à localização geográfica, à delimitação natal, à nação, etc. Numa leitura ou interpretação

de poesia, o vocábulo terra pode evocar imagens diversas. No entanto, a tendência literária pode, por conseguinte, lançar mão de concepções preestabelecidas norteando claramente o sentido possível a ser tomado na interpretação, como o exemplo da dialética da existência humana bíblica: vem do barro (ou pó da terra) em vida e a ele retorna em morte.

Traça-se, então, a seguir, uma breve discussão a respeito das imagens e representações possíveis de “terra” no contexto da poesia cabo-verdiana. Tal estudo é necessário e bastante pertinente em toda a iniciação cultural e literária da nação insular de Cabo Verde. De suma importância é a base cultural de uma nação em relação à sua literatura, pois ela se reflete diretamente nos campos semânticos, no caso, pelo modo como é empregada na escrita, isto é, nas palavras, a unidade mínima literária de poemas e prosa.

A expressão poética cabo-verdiana possui traços particulares à sua formação cultural mestiçada, em que não predominou o branco, o europeu, e sim os elementos culturais nativos. Segundo Simone Caputo Gomes, no processo formador da cultura de Cabo Verde resistiram e permaneceram as manifestações populares, como “a fala cabo-verdiana (o crioulo), das vozes entoando as mornas, [...] dos repiques do batuque, do *funaná* dançado, dos poemas engajados”. (GOMES, 2008, p. 127). Assim, sua poesia tomou um rumo próprio, autônomo e singular, no entanto, é impreterivelmente universal mesmo que também esteja no contexto africano, por ser uma cultura mestiça. (GOMES, 2008, p. 128).

Na fase inicial do processo identitário da poesia de Cabo Verde, situado no eixo histórico pré-claridoso (de meados do séc. XVI até 1936), o mito hesperitano representou a origem insular de seu povo. Tal qual há o mito de Ulisses relacionado com a fundação de Lisboa, os cabo-verdianos assimilaram como seu mito originário as “Ilhas do velho Hespério – pai das Hespéridas – que abrigavam jardins repletos de pomos de ouro” (GOMES, 2008, p. 131). A partir dessa concepção, a atribuição materna às ilhas tornou-se um tópos na poesia, pois, “a geração pré-claridosa já propõe uma alternativa à pátria lusitana, voltando-se para a terra-mãe Cabo Verde” (GOMES, 2008, p. 132). A alternativa mencionada por Gomes limita e/ou rejeita a filiação portuguesa dos cabo-verdianos.

O tópos mencionado pelos pré-claridosos permite então a concepção de “fusão homem-terra, [...] do dilema entre a pátria lusitana e a mãe terra crioula (mátria)” (GOMES, 2008, p. 129). Simone mostra, em seu artigo, de onde provêm essas citações: dentre outros poetas, José Lopes (1872-1962) e Pedro Cardoso são os principais precursores (1883-1942) das reivindicações ao mito hesperitano como noção de pátria, de origem, de onde surgiram as atribuições imagéticas iniciais das ilhas como mãe, terra-mãe. (GOMES, 2008, p. 129).

Desta projeção dual de opções de filiação ou pátria, segundo Simone, provém a inserção de conteúdos diversos na cultura insular cabo-verdiana, diferenciando-a e afastando-a da portuguesa ainda mais (GOMES, 2008, p. 129). O tópos da terra-mãe, a nação mátria, tornou-se então um éthos na expressão poética de Cabo Verde, nas construções imagéticas. Portanto, o tema da filiação pela natureza insular, “ilhas nossas mães” (GOMES, 2008, p. 130), terra-mãe, passa a formar um conjunto de valores que permeiam as composições de imagens na poesia cabo-verdiana.

E o que seria então essa construção ou essa composição de imagem nos estudos de poesia? A imagem poética é um modo de expressão, por meio da palavra, restrito, particular ou universal, que substitui o significado de um vocábulo, um fato, uma situação, e atribui uma nova representação, outro sentido metafórico ou alegórico associável ao anterior por evocação mental. Para Alfredo Bosi, “toda imagem pode fascinar como uma aparição capaz de perseguir. O enlevo ou o mal-estar suscitado pelo outro [significado primário] que impõe sua presença, deixa a possibilidade, sempre reaberta, da evocação [novo sentido]” (BOSI, 1997, p. 14, colchetes meus). A imagem poética permite, então, o novo sentido ou a nova representação pela interpretação análoga ao significado primário da palavra, situação ou fato.

Desse modo, a representação que provém do vocábulo “transcende o seu corpo [a palavra, e] acaba criando um novo corpo: a imagem interna” (BOSI, 1997, p. 14, colchetes meus). Bosi afirma ainda que “a imagem resulta de um complicado processo de organização perceptiva [...] nunca é um elemento: tem um passado que a constituiu e um presente que a mantém viva e que permite sua recorrência” (BOSI, 1997, p. 15). A perspectiva dada pelo teórico estende a construção imagética como mutável ou recuperável em tempos diferentes da leitura e composição poética.

Em vista disso, no contexto poético cabo-verdiano, nos eixos histórico-literários claridoso (de 1936 até 1966) e pós-claridoso (a partir de 1966 até hoje), torna-se possível a recorrência das representações imagéticas de mátria, de terra-mãe, pelo vocábulo “terra”, recuperadas do discurso e tendência pré-claridosos. A partir desta discussão, podemos seguir para as análises nos poemas de Vera com o fim de abstrairmos as imagens geradas pelo vocábulo terra em sua construção poética no livro *Amanhã amadrugada* (2008).

A TERRA EM AMANHÃ AMADRUGADA

Amanhã amadrugada é o primeiro livro de Vera Duarte, publicado em 1993. As análises se debruçam sobre os poemas “Setembro”, “Amigo”, “Criança”, “Desejos” e “Desejos-

Liberdade”. Tomando a fala da professora Érica Antunes Pereira, em seu artigo *Vera Duarte: a mulher cabo-verdiana é uma personagem interessante*, publicado em 2010, trata-se de “uma obra que prima pela inovação, inserindo, no panorama literário cabo-verdiano, uma ruptura aos gêneros literários” pois é composto de poemas em verso e em prosa. (PEREIRA, 2010, p. 106).

A linguagem de Vera nesse livro é de cunho emocional e social. Mesclam-se problemas sociais, desde a fome até a AIDS, as paixões das mulheres, do povo, a sensualidade crioula, valorização da cultura e da língua crioula, e a relação de amor com Cabo Verde, Terra-Mãe. Vera Duarte consegue transmitir a força da Paixão como potência para o agir do povo rico e belo em cultura nativa. Pereira cita, no artigo mencionado, uma fala de Vera em que a poetisa justifica sua poesia como ferramenta, como arma, “o processo de escrita ‘também é uma forma de a mulher lutar’ e, portanto, de (a) firmar-se [...] na sociedade”. (PEREIRA, 2010, p. 109).

Uma das marcas da obra é a voz poética acompanhada de figuras referentes à natureza. O recurso que gera essa impressão é o emprego análogo da vida humana com a da natureza, não somente às plantas ou aos animais, mas também aos elementos terra, água, sol, mar. Observa-se que, na obra de Vera Duarte, se trata de posicionamento político. A escritora preocupa-se com questões relacionadas aos direitos humanos, à mulher e à cultura local. Ela própria afirma que seu lirismo representa “uma escrita de emoções”, considerada como “um amor altruísta, solidário e ecumênico”. (DUARTE, 2008, p. 6).

A partir dessas informações, siga-se, pois, a seção das análises dos poemas acima mencionados, do livro *Amanhã amadrugada* (2008), em que são destacadas as imagens poéticas provenientes do vocábulo terra.

“Setembro”

O poema “Setembro” abre a primeira seção de poemas em verso, “Caderno III”, e traz uma rememoração dos tempos de luta por independência. Os versos iniciais, “Carregamos às nossas costas/ o saco pesado da revolta” (DUARTE, 2008, p. 87), abrem a primeira estrofe anunciando, pela imagem do jugo por eles sofrido, o clima das revoltas nos anos iniciais da década de 1970. “Mil revoltas explodiram em nós/ calados ao som de tiros e sangue” (DUARTE, 2008, p. 87), versos iniciais da terceira estrofe remontam ao ápice da revolução, em que adiante o verso seguinte vem isolado: “Mas um dia a dor acabou-se” (DUARTE, 2008, p. 87).

Qual seria essa dor que se acabou? A última estrofe nos dá a resposta. “Num setembro de chuvas abundantes/ a água varreu o lamaçal/ limpou os corpos caídos/ levou os dejectos e tudo/ e apenas deixou/ - redimidos - / os homens, a terra/ e o futuro” (DUARTE, 2008, p. 87). O título do poema nos leva a refletir sobre a primeira conquista do PAIGC (Partido Africano

para a Independência da Guiné e Cabo Verde), pois em 10 de setembro de 1973 é concedida a independência à Guiné Bissau. A de Cabo Verde seria somente em 5 de julho de 1975.

Embora Cabo Verde não tenha sido ainda nesse ano se tornado independente, essa conquista representou um êxito significativo. Desde 1967 o PAIGC, fruto da união de Guiné e Cabo Verde, atacavam as forças do exército português. O sinal de rendição que restituiu a liberdade à Guiné em 1973 fortaleceu as esperanças dos cabo-verdianos. Ora, além dessa referência histórica, setembro é um dos meses de chuva no país que enfrenta um estio que demora entre sete e nove meses. A chuva abundante citada no verso representa festa, alegria, esperança, pois é quando a agricultura e as plantações retomam a vida.

A imagem da chuva no poema traz, portanto, imagens referentes à purificação e renovação de vida ao povo. As revoltas doloridas e pesadas têm sua trégua, seu oásis, figurados na chuva. Nos versos finais, há a gradação na imagem de que a chuva redime “os homens, a terra e o futuro”. (DUARTE, 2008, p. 87). Os homens (filhos) buscavam para a terra (a mãe, o abrigo, a casa) o futuro (a independência). Ainda a redenção é posta como imagem gerada pela chuva. O derramamento de sangue mesmo em busca da independência não é motivo de honra nem desperta orgulho.

A sensibilidade poética nos situa na posição do oprimido ansiando pela liberdade, contudo, necessitando da purificação e redenção. Temos então, em “Setembro”, a terra como mãe e como lar, que depende de seus filhos homens para lutarem pela libertação. Essa imagem é acompanhada de outra, da imagem da chuva como purificadora, renovadora e redentora dos homens, da terra, anunciadora de um futuro no qual não mais precisem lutar pela liberdade.

“Amigo”

A atmosfera do poema seguinte, “Amigo” (DUARTE, 2008, p. 88), permite conectá-lo ao anterior, “Setembro”. O tom de “Amigo” remete ao pós-batalha, pós-independência da Guiné Bissau, aos momentos de reunião para a próxima e derradeira luta dos cabo-verdianos: a independência de Cabo Verde.

É um poema convidativo, em que o eu-lírico chama: “Vem amigo/ encher de presença o vazio da noite/ trazer lembranças de um tempo de luta/ de homens/ irmãos/ guerrilheiros” (DUARTE, 2008, p. 88). Esse vazio da noite ambienta o silêncio, a tristeza que necessita ser preenchida pela lembrança de vitórias, na reunião em que se planeja o próximo passo, a próxima luta. Não é fácil sair em batalhas, esse peso é sentido pela expressão do eu-lírico: “de homens irmãos/ limpando o sangue/ ouro brilhante/ de amor simples/ das terras amizade/ de África cativa/ num mundo cheio de vazio” (DUARTE, 2008, p. 88).

Nesses versos, as imagens se aclaram. Os irmãos são todos filhos de uma mesma África, em união, que, mesmo tendo que lutar, preserva a noção de que a vida, o sangue, é precioso, é ouro brilhante. O sangue limpado seria das armas? Seria do chão? Seria das mãos? Os versos não dão pistas mais exatas. Podemos inferir que de tudo isso, mostrando fragmentos de cenas logo após uma batalha. Talvez para se afastar dessa imagem, o eu lírico memora as amizades entre as terras, ligadas por um amor simples. As terras, nesse caso, representam as nações que precisam manter os laços, pois, juntos os homens são todos irmãos. Por derivação, são todos filhos da mesma nação, filhos da África. Logo, a imagem da terra toma a proporção maior da Mãe-África.

Na última estrofe, o chamamento “Vem amigo” se repete. O eu-lírico estará esperando, “preparando as armas/ para que a batalha seja breve/ e rompa/ no céu claro da nossa terra/ a mais bela madrugada” (DUARTE, 2008, p. 88), finaliza. A batalha é necessária, mas se possível, que seja rápida. A luta pela independência permanece, e seguindo pelos versos finais, a madrugada como hora inicial do novo dia nascendo traz a imagem da novidade, da boa nova, povoando o céu, em contraste com a dor, clareando a terra. Em “Amigo”, portanto, o vocábulo terra, na estrofe final gera imagem do lar dos cabo-verdianos, expressando o nacionalismo e a esperança da libertação política.

“Criança”

No poema “Criança”, a recém-nascida nação independente é cantada. Retomando imagens anteriores os versos nos guiam à compreensão da conquista da liberdade. Repetindo o canto, os versos seguem complementando de que se tratam esses cânticos. “Canto a luz de uma noite/ em fogo de mártires incendiada/ canto a luta vitoriosa/ num setembro nascida/ canto a flor que sangra/ das entranhas sedentas da Terra/ canto a madrugada nos lábios roxos da batalha” (DUARTE, 2008, p. 89).

A luz da noite mencionada no primeiro verso provém de uma fogueira. Os mártires incendiados são os homens que morreram em nome da liberdade, o líder do PAIGC, Amílcar Cabral, foi um dos que morreram, foi assassinado em janeiro de 1973. Todavia, como o poema coloca, os mártires figuram sacrifícios pelo bem maior, como cordeiros no altar em chamas. Na sequência do poema, temos o cântico da vitória, do êxito da guerra. Vem então a imagem da maternidade, do nascimento desta criança, o sangue da flor representa o parto da criança, filha da Terra, note-se a grafia com maiúscula no verso. A sensibilidade do eu-lírico novamente se mostra na figuração feminina do parto. A madrugada sendo renovação, como vimos anteriormente, vem sob o preço do cansaço e fadiga da batalha.

A criança agora, neste novo dia que nasce, na madrugada, recebe do eu-lírico o canto. “E canto-te a ti criança/ filha do povo/ nascida nas ilhas/ num tempo novo/ de homens redimidos”. A madrugada, tal como a chuva em *Setembro*, não somente renovou o povo, mas o purificou e o redimiu. O eu-lírico canta a criança para a criança, a liberdade à nação livre, à filha do povo nas ilhas, finalizando com “criança esperança/ [...] num mundo em construção” (DUARTE, 2008, p. 89). A Terra que nutre as raízes e faz brotar a flor deu à luz a criança, a nação livre. Terra como mãe em um mundo onde ainda há muito a melhorar.

“Desejos”

O poema “Desejos” muda o tema da linha temporal dos três poemas anteriormente discutidos. O eu-lírico é descendente da flor que gerou a nação-criança-livre. “Queria ser um poema lindo/ cheirando a terra/ com sabor a cana// Queria ver morrer assassinado/ um tempo de luto/ de homens indignos” (DUARTE, 2008, p. 90).

Essas duas primeiras estrofes parecem destoar, mas são modos distintos de dizer algo parecido. O poema lindo, fruto do desejo do eu-lírico, é a expressão poética da igualdade, do desejo de justiça doce, como o sabor da cana. Cheiro de terra nos remete à proximidade do nacional, natal, cabo-verdiano, cheiro da terra-mãe. O assassinio do tempo de luto e de homens indignos corresponde, embora inversamente, ao estado figurado pelo “poema lindo”. O poema representa a idealização da nação, e o tempo de luto é justamente o que o eu-lírico deseja extirpar.

O eu-lírico retorna ao regaço da Terra mãe quando se faz flor novamente. “Queria desabrochar/ - flor rubra - / do chão fecundado da terra/ ver raiar a aurora transparente/ ser r’bera d’julion/ em tempo de São João/ nos anos de fartura d’espiga d’midje” (DUARTE, 2008, p. 90). O desabrochar desta rubra flor nos diz muito sobre a perspectiva sensível e delicada, nos aproxima à percepção e expressão feminina comum na escrita de Vera. Essa flor da terra-mãe deseja abrir-se no raiar da aurora translúcida, limpa, e ser farta como no período de colheita.

Mesmo após a independência política ter sido conquistada, ainda existem problemas que uma nação deve lidar. A imagem dada em “Criança” figura bem isso: um país livre, mas muito jovem. Em “Desejos” o eu lírico assume uma visão crítica da realidade pós-independência, contudo, constrói expectativas positivas para o futuro da criança, como no poema “Setembro”. “E ser/ riso/ flor/ fragrante/ em cânticos da manhã renovada” (DUARTE, 2008, p. 90). “Desejos” conclui a gradação de “Queria” em “ser” na última estrofe. As imagens do riso, flor e fragrante representam a alegria de viver, na sensação agradável do fresco perfume de flores. Notamos, ainda, a gradação temporal, de madrugada, dos poemas anteriores, que passa, agora,

a manhã renovada. O tempo referenciado em manhã é tardio em relação a madrugada. E a terra nesse poema é uma só em união com o eu-lírico, que é flor nascida no chão, aproximando-o da terra-mãe.

“Desejos-Liberdade”

Os desejos continuam em “Desejos-Liberdade”, no entanto, quebrando a sucessão de poemas nos livros, pois este vem mais à frente. Mais curto que os demais analisados anteriormente, esse não traz a palavra terra. Suas imagens, por outro lado, dão uma visão próxima, maior, em que o eu-lírico anseia estar em comunhão com a paisagem natural insular de Cabo Verde.

“Queria/ sobre a relva verde dos campos/ sentir teu corpo junto ao meu” (DUARTE, 2008, p. 97). O desejo é de união, de contato, de comunhão dos corpos, em que um deles, o eu-lírico, quer sentir o outro que possui a relva, ninguém mais senão a terra. “Queria/ nos doces lençóis da areia/ ouvir tua voz marinha sussurrante” (DUARTE, 2008, p. 97). Temos o leito aconchegante da nação pela imagem evocada pelos lençóis da areia, enquanto a sussurrante voz vem do mar. A dimensão cabo-verdiana assume-se aqui como insular, a terra e o mar personificados em uma só entidade, a mátria, se assim concebermos por derivação a temática dos poemas anteriores.

“Queria apertar teus lábios/ teus olhos, tuas mãos// E falar de amor/ quando tudo em mim grita liberdade” (DUARTE, 2008, p. 97). Captamos um amor, uma intimidade próxima e, ao mesmo tempo, distante, quando o eu-lírico íntimo à terra-mãe, figurada anteriormente, deseja afagá-la mais intensamente. Apertar os lábios pode ser um beijo, apertar os olhos e mãos já pode representar carícias mais efusivas e, por fim, falar de amor enquanto a alma do sujeito poético na verdade exprime de maneira radiante e pungente a liberdade.

Embora não esteja grafada a palavra terra, ela se apresenta no campo imagético das ilhas. A Terra-Mãe como cúmplice, como mui amada é o alvo saudoso deste eu-lírico que deseja acariciá-la, deitar-se em seu colo-leito de relva e areia, aconchegar-se na paisagem praiana insular e rural agrícola, ambas comuns em Cabo Verde. O mar, o marulho perene das ondas é a voz das ilhas, que sussurra suavemente, permitindo o diálogo desejado pelo sujeito do poema. Seu objetivo é falar de amor, transpor de seu coração a liberdade incontida no peito. Seria a liberdade conquistada? Seria, acaso, o amor que move a constante luta pela liberdade na condição pós-independência e os novos problemas sociais, tema situado perfeitamente em “Desejos”? O segundo questionamento é mais válido, e a expressão poética dos direitos humanos torna-se então mais visível na poesia de Vera.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A riqueza poética tão bem representada na escrita de Vera Duarte nos proporciona, mesmo que lidos poucos poemas, uma noção do tom da poesia cabo-verdiana. Os poemas de *Amanhã amadrugada*, possuem, em sua maioria, a temática social, trabalhada com a delicadeza no emprego da palavra.

A pesquisa realizada sobre as possíveis imagens evocadas na palavra “terra” na poesia de Vera Duarte nos deu a visão predominante de maternidade. Apesar de a terra também ter representado, nas análises, a nação, no sentido de pátria, é possível notar que a concepção que se convencionou, desde os pré-claridosos até os antievacionistas do final do período claridoso, foi a de Terra-Mãe.

Logo, por meio dos cinco poemas discutidos neste artigo, observamos uma linha histórica da transmissão cultural e poética a respeito de Cabo Verde e de sua libertação. A ideia gerada pelas imagens nos citados poemas projeta a sensibilidade lírica do sujeito engajado com as causas dos direitos humanos, preocupado com a nação mãe no contexto pós-independência. A voz poética e feminina de Vera Duarte, intimamente ligada com a mátria, com a cultura e com os filhos das ilhas, seus irmãos, nos conta a sua origem e a conquista de sua liberdade.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Sylvia Mello Silva. **Maternidade e profissão:** oportunidades de desenvolvimento. 1ª. edição. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia.** 11ª. edição. São Paulo: Cultrix, 1997.

DUARTE, Vera. **Amanhã amadrugada.** 2ª. edição. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008.

_____. **Entrevista - Vera Duarte.** Revista Crioula da Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da USP, São Paulo, n. 3, p. 1-9, 2008.

GOMES, Simone Caputo. **A poesia de Cabo Verde:** um trajeto identitário. In: GOMES, S. C. (org.). *Cabo Verde: Literatura em chão de cultura.* São Paulo: Ateliê Editorial; UNEMAT; Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008, p. 127-144.

HESÍODO. **Teogonia:** A Origem dos Deuses. Estudo e tradução de Jaa Torrano. 7ª. edição. São Paulo: Iluminuras, 2007.

PEREIRA, Érica Antunes. **Vera Duarte:** “a mulher cabo-verdiana é uma personagem interessante”. Revista Scripta do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da PUC Minas, Belo Horizonte, vol. 14, n. 27, p. 105-202, 2010.